

Bruxelas e Berlim prepararam falência grega

Crise. Comissão Europeia está a estudar cenário de incumprimento com Berlim, Paris e o BCE

NUNO AGUIAR

O tempo está a esgotar-se para a Grécia. Berlim já se começou a preparar para um *default* (incumprimento) grego e a Comissão Europeia está a trabalhar com o Banco Central Europeu (BCE), Alemanha e França para responder a todos os cenários, incluindo a falência. Uma hipótese em que os investidores estão a apostar cada vez mais, com os juros da dívida grega a um ano a ultrapassarem ontem os 100%.

A revista *Der Spiegel* noticiou que o governo alemão está mesmo a elaborar planos de resposta que envolvem a saída da Grécia da zona euro. Apesar de, tanto o Executivo alemão como Bruxelas terem afastado ontem essa possibilidade, o DN/Dinheiro Vivo sabe que, dentro da Comissão Europeia, a possibilidade de falência grega está a ganhar força. O discurso oficial é que não pode reflectir essa realidade, sob pena de os mercados castigarem ainda mais a zona euro.

No entanto, o Governo alemão já não fala exactamente a uma só voz. O porta-voz do ministro da Economia afirmou ontem ao jornal *Die Welt* que "para estabilizar o euro, devemos deixar de pensar a curto prazo em algumas opções, porque a insolvência da Grécia é uma hipótese". E, apesar de reconhecer que a "Grécia é um membro da zona euro", admite que o país "cumpru as obrigações de uma forma pouco eficaz".

Também ontem, o secretário de Estado das Finanças grego revelou que a o Estado só tem dinheiro para pagar salários e pen-



Barroso e Merkel encontraram-se ontem para discutir a crise da Grécia

BPA REUTERS

sões até ao próximo mês de Outubro. Mais uma vez, estas notícias empurraram os juros da Grécia para novos máximos, ultrapassando os 100% na maturidade a 12 meses. No prazo a dois anos, estiveram acima dos 70%.

As consequências de um *default* grego são difíceis de calcular, mas os bancos de investimento já começaram a fazer contas. Steen Jakobsen, economista-chefe do Saxo Bank, estima que um incumprimento custaria entre dois e três biliões de euros à banca europeia.

A estratégia actual para a Grécia não está a funcionar. A culpa pode

ser do governo grego ou da própria estratégia, mas a verdade é que Atenas não está numa posição melhor do que há um ano. João Rodrigues, investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, defende uma abordagem alternativa que passa por uma reestruturação agressiva da dívida e pela garantia de 60% da dívida emitida pelas instituições europeias. "Depois seria necessário recapitalizar os bancos, o que implicaria uma entrada do Estado nas estruturas accionistas", explica. "Por último, seria útil utilizar o Banco Europeu de Investimento para relançar a economia."

Cristina Casalinho, economista-chefe do BPI, também identifica soluções alternativas mais eficazes. "Podemos avançar por uma Europa mais federalista, alterar o funcionamento do BCE ou simplesmente reconfigurar o fundo de resgate, para que tenha um financiamento ilimitado", refere. "São decisões políticas, mas fazem mais sentido do ponto de vista estritamente económico."

Porém, Filipe Garcia, economista do IME, deixa um aviso: "No caso de existir um plano B, seria importante evitar que se instalasse a ideia que a Grécia seria apenas o primeiro de uma série de países em que o mesmo venha a suceder." Leia-se: Portugal.

Fantasma de 'default' volta a assustar bolsas

HECATOMBE Praça europeias recuam para o nível mais baixo em mais de dois anos. Ameaça de *downgrade* pressiona títulos dos bancos

Os alarmes voltaram ontem a soar por causa da Grécia. A tragédia grega adensou-se e o clímax parece estar cada vez mais perto de acontecer. O novo capítulo do guião foi escrito com os investidores a darem como inevitável o incumprimento helénico. Como se não bastasse, o sector financeiro foi o grande protagonista do dia ao liderar as perdas pressionado pelo possível corte de *rating* feito pela Moody's à banca francesa.

As praças europeias recuaram, atirando o principal índice - Stoxx 600 - para o nível mais baixo desde Julho de 2009 ao perder 2,4%, com a especulação de que a Alemanha se está a preparar para um *default* grego. As restantes bolsas do Velho Continente terminaram com tombos entre os 3,65% do índice francês CAC-40 e os 1,34% do britânico FTSE-100, num dia em que a banca (sobretudo a francesa e a portuguesa) protago-

nizou as maiores quedas.

Em Paris, os três maiores bancos em capitalização bolsista - BNP Paribas, Société Générale e o Crédit Agricole - deslizaram mais de 8% devido aos rumores de que poderão vir a sofrer esta semana um corte de *rating* por parte da Moody's, devido à exposição que detêm à dívida grega. As instituições estão entre os maiores credores da Grécia, com 56,7 mil milhões de dólares em exposição tanto à pública como à dívida privada. "Não é o *downgrade* em si, mas a combinação com o que poderá acontecer com a Grécia. O mercado está a tentar antecipar o que poderá acontecer", afirmou um analista à Bloomberg. A Moody's colocou o *rating* dos três bancos sob revisão em Junho, citando que "a potencial inconsistência entre o impacto de um possível *default* grego e os níveis de *rating* actualis".

A bolsa de Lisboa acabou por liderar as perdas na Europa, ao afundar mais de 4%, e com os títulos dos bancos a serem os mais sacrificados, como foi o caso do BES que tombou 7,7%.

TIAGO FIGUEIREDO SILVA

REACÇÕES

“*Creio que não existe nenhuma dívida de que, se eles [Grécia] cumprirem todos os compromissos, estarão numa situação melhor*”

JEAN-CLAUDE TRICHET
PRESIDENTE DO BCE

“*A ajuda só pode continuar para aqueles que fazem todos os esforços para pôr a sua casa em ordem*”

DURÃO BARROSO
PRÉS. DA COMISSÃO EUROPEIA

“*Os alemães têm muito mais a ganhar do que a perder com a sua contribuição para o Mecanismo Europeu de Estabilidade*”

DURÃO BARROSO
PRES. DA COMISSÃO EUROPEIA

“*A Grécia é um membro da Zona Euro, mas cumpriu as obrigações de uma forma pouco eficaz*”

PHILLIP RÖSLER
MINISTRO ALEMÃO DA ECONOMIA

BANDEIRA A MEIA HASTE

Portugal não concorda com a proposta

» O secretário de Estado dos Assuntos Europeus criticou ontem a sugestão do comissário europeu para a Energia de que os países endividados coloquem as bandeiras dos seus países a meia-haste, nos edifícios da União Europeia. “Acho mal”, afirmou Miguel Morais Leitão, à saída de uma reunião dos responsáveis dos Assuntos Europeus dos 27. O

responsável português recusou-se a explicar melhor a sua posição ou as razões por trás dela.

A proposta do comissário Guenther Oettinger foi recebida com um coro de críticas. O alemão justificou, na altura, a sugestão como uma penalização “apenas simbólica”, mas que, na sua opinião, teria “uma grande força dissuasora”.